

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E VIVEIRISMO COM A ESCOLA ANITA GARIBALDI

Coordenador: PAULO BRACK

Autor: FERNANDA SILVEIRA ROSA

Introdução: O Grupo Viveiros Comunitários(GVC), criado há dez anos por estudantes e professores do Instituto de Biociências, dá continuidade a um trabalho que vem sendo desenvolvido desde 2006, em conjunto com a Escola Anita Garibaldi, na vila Santa Isabel, Viamão. O projeto de Extensão tem como uma das finalidades estreitar os laços entre a UFRGS e a comunidade do entorno do Campus do Vale. O projeto propicia a troca de saberes científicos e locais, estimulando o resgate destes, fortalecendo, assim, a abordagem de temas que fazem parte do contexto ao qual estamos inseridos: o Campus do Vale, o Morro Santana e a comunidade periurbana da Vila Santa Isabel. O Morro - em processo de transformar-se em unidade de conservação - abriga um enorme patrimônio natural. Em seu entorno, ocorrem comunidades humanas com raízes rurais, rururbanas ou periurbanas, com grandes demandas socioambientais. Ao mesmo tempo, ocorre um avanço desordenado de construções sobre o meio natural, associado a uma situação socioambiental muito delicada. O processo global de perda de qualidade de vida atinge, principalmente, populações esquecidas pelo poder público e, em parte, pela universidade. O contexto requer um olhar especial, bem como de um conjunto de políticas públicas e esforços de educação ambiental. Um dos ingredientes básicos, para isso, é o fortalecimento da Auto-Estima Ecológica e Comunitária, considerada pelo grupo como uma condição elementar para a construção, sem retornos, de padrões aceitáveis de qualidade de vida e convívio com a natureza local. O meio natural encontra-se ainda privilegiado, apresentando vínculos sociais que fazem parte destes ingredientes chaves para o processo de transformação, que deve prezar pela dignidade humana e pela emancipação sócio-ambiental, desde enfoques locais, construindo-se a identidade de condição, até o nível do processo brasileiro de emancipação. Os sujeitos deste processo são muito mais os excluídos, que mantêm valores latentes de sustentabilidade, pois estão fora da lógica da modernidade de mercado e da centralidade urbana que padroniza os valores e desconsidera o natural. Neste cenário complexo, a escola e a universidade desempenham papéis estratégicos para o entendimento e a construção destes processos de mudanças de atitude e melhoria das condições de vida destas comunidades e de seu meio natural. A atuação em grupo permite o estabelecimento de práticas

ecopedagógicas que caminhem no sentido de maior exercício de cidadania e das co-responsabilidades. Neste sentido, o laboratório vivo, onde se dão estas relações sociais, constitui-se em uma experiência riquíssima para os estudantes da universidade, futuros profissionais, e os membros da comunidade escolar. O objetivo do projeto, neste primeiro semestre de 2008, foi o maior estreitamento deste vínculo com a Escola Anita, por meio do trabalho com os alunos. **Materiais e Métodos:** Participam do projeto dez estudantes do Instituto de Biociências da UFRGS e outros estudantes de outros setores de dentro e de fora da Universidade. Os temas que foram trabalhados estavam associados principalmente às matérias de Ciências, através de elementos de entorno escolar. Ao mesmo tempo, trabalharam-se conhecimentos construídos, por meio da percepção das riquezas e dos problemas locais e seu potencial de resoluções dentro de padrões de conservação e sustentabilidade dos recursos naturais. Foi realizado um "Curso de Agentes Ambientais: Viveiristas e Semeadores" e Seminários sobre Educação Ambiental e a participação em eventos escolares, temático-ambientais e em parceria com demais grupos de ação ambiental dentro e fora da universidade. As atividades desenvolvidas tiveram como eixo central a produção de mudas nativas do RS. A partir da sensibilização para a prática do viveirismo ecológico, foram trabalhadas questões relacionadas à presença da vida, como solo, água, luz, a integração de fatores, e a importância das plantas para a qualidade ambiental. Assim, abriu-se a possibilidades de conexão com diferentes conteúdos de sala de aula, em todas as matérias, e a vivência cotidiana. O trabalho fora da sala de aula permite um aprendizado de qualidade que lida com todos os sentidos dos alunos/as, em que o corpo é a própria experiência. Olhar, não apenas para um quadro, mas para a realidade; sentir o cheiro, a consistência, a localização, a cor do solo; o convívio com diferentes plantas, paisagens, problemas sócio-ambientais, todos inter-relacionados. As fronteiras da escola foram ultrapassadas, por meio de expedições no entorno escolar, verificando-se aspectos do bairro, a relação com seus moradores, a ocupação do espaço, a presença de plantas e os usos das mesmas. O Morro Santana teve papel de destaque, considerando-se, principalmente, que abriga nascentes de arroios e diversos seres vivos e as relações que se estabelece entre esse meio e a comunidade. Um grupo de 30 alunos participou do curso, em turno inverso ao da aula. A faixa escolar contemplada foi a de 6ª e 7ª séries. Ocorreram encontros semanais. A proposta foi colocada pelo grupo aos alunos que manifestaram sua vontade em participar. Houve 6 encontros temáticos, onde ocorreram atividades de estudo do ambiente natural e cultural da comunidade com saídas de campo: expedições didático-científicas, abordando-se diversos campos do conhecimento, através de coleta de materiais do meio, atividades práticas de viveirismo,

e seminários abertos sobre temas de hortas e educação ambiental. Resultados e Discussão: Os seis encontros com os alunos versaram sobre: 1) Vegetação nativa, biologia da semente, práticas viveirísticas, botânicas e de coletas no bairro; 2) Solo: formação, sucessão, manejo, compostagem, substrato, erosão, incluindo visita ao viveiro, ocupações verdes, coletas, análise de solos e confecção de sementeiras; 3) Água: mata ciliar, nascentes, bacia do Arroio Dilúvio, diagnóstico de um arroio do bairro e repique de mudas no viveiro; 4) A fauna, a flora e a urbanização: subida ao Morro Santana. 5) Filme e debate: Ilha das Flores, conversa com as merendeiras; 6) Visita ao herbário ICN da UFRGS, ocupação verde, plantio de mudas nativas e avaliação do curso. Nos meses de maio e junho, foram realizados os seminários Hortas escolares: Cultivando idéias e atitudes e A Emergência da Tecnourbesfera e a Educação Ambiental com professores da UFRGS. O GVC tem participado, ainda, em conjunto com outros grupos, de ações na área ambiental e de agroecologia, estando presente em atividades da escola, como Festa Julina, além de oficinas, exposições, doações de mudas nativas. Os resultados são lentos e estão em processo de avaliação pelo grupo. Uma das questões importantes a serem buscadas com mais urgência é que o projeto seja reconhecido internamente (universidade), pois externamente (comunidade escolar) têm construído raízes fortes e uma boa aceitação por parte dos professores e engajamento surpreendente por parte de muitos alunos. O curso teve pequena duração, mas já se verificam mudanças importantes de comportamentos, como intervenções no pátio escolar (composteiras, horta e espiral de ervas) e uma campanha de conscientização ambiental na escola, iniciando com a questão do lixo e construção de uma horta escolar.